

Informe **FECO MÉR CIOPE**

ANO VIII | EDIÇÃO Nº 47 | SET/OUT 2019

20 Pelas Ruas Que Andei

Rua do Bom Jesus:
pioneira e cheia de
boas histórias

36 Entrevista

Jorge Jatobá:
Plano Real
completa 25 anos

Prática milenar, a
tatuagem supera
preconceitos e
mercado conquista
cada vez mais adeptos

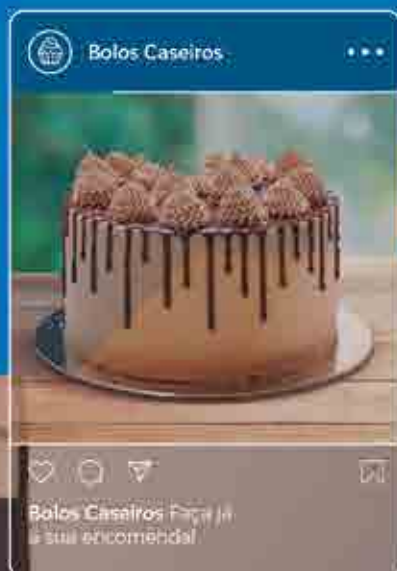
PAIXÃO

À FLOR

DA PELE

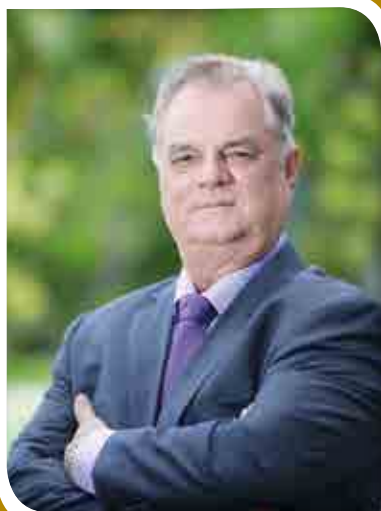
26





O jeito de fazer negócio mudou. Mude também.

O Sebrae ajuda os pequenos negócios a crescerem cada vez mais no mundo digital. Encurte a distância entre você e o seu cliente. Venha descobrir um novo jeito de fazer negócios. O futuro do seu negócio passa por aqui.



Bernardo Peixoto

Presidente do Sistema
Fecomércio/Senac/Sesc PE

TATUAGEM, MUITO ALÉM DA ARTE

A tatuagem atravessou os séculos e esteve presente em diversas culturas, chegando aos dias atuais como uma técnica aprimorada. A capa desta edição da Informe Fecomércio traz detalhes sobre como a arte no corpo também fez parte da história e alcançou na atualidade status de profissão, que exige especialização e cumprimento de regras e normas para não pôr em risco a saúde das pessoas.

O Plano Real completou 25 anos em 2019 e é tema da entrevista com o economista Jorge Jatobá, que fala das transformações do real ao longo dos anos e como ele conseguiu afastar o fantasma da inflação do Brasil. As assombrações também pairam sobre a seção “Descubra”, que traz como tema as lendas do Recife e locais assustadores. Quem nunca ouviu falar sobre a Emparedada da Rua Nova, a Moça da Praia do Pina e a Galega de Santo Amaro? O clima sinistro encanta e aguça a curiosidade dos recifenses há gerações.

Esta edição também convida você, leitor, a fazer um passeio pela Rua do Bom Jesus e conhecer um pouco mais de sua importância histórica para a cidade do Recife. O clima de turismo engloba ainda a seção “Em Foco”, que fala sobre o espírito desbravador dos mochileiros, com alma livre e coração aberto para conhecer o mundo sem gastar muito dinheiro.

A Informe Fecomércio esteve em Caruaru e preparou um resumo do que aconteceu no Congresso de Tecnologia na Educação. O evento reuniu mais de 1.000 educadores e foi o maior sucesso. Confira tudo na nossa reportagem especial.

O Sindnorte é a estrela da seção “Gestão Inovadora”. O sindicato é atuante e irá comemorar em breve a inauguração de mais uma sede. Já as colunas “Ser cultural” e “Fome de quê” abordam o universo geek e a importância do atendimento, respectivamente. Esperamos que todos tenham uma boa leitura!



Rua do Sossego, 264, Boa Vista
Recife-PE | CEP: 50050-080
Tel.: (81) 3231-5393 / 3231-5670
www.fecomercio-pe.com.br

Bernardo Peixoto
Presidente

Frederico Leal
1º Vice-Presidente

Jorge Alexandre
2º Vice-Presidente

Milton Tavares
3º Vice-Presidente

Rudi Maggioni
Vice-Presidente para o
Comércio Atacadista

Joaquim de Castro
Vice-Presidente para o
Comércio Varejista

Archimedes Cavalcanti Júnior
Vice-Presidente para o
Comércio de Agentes
Autônomos

Manoel Santos
Vice-Presidente para o
Comércio Armazenador

Eduardo Cavalcanti
Vice-Presidente para o
Comércio de Turismo e
Hospitalidade

Ozeas Gomes
Vice-Presidente para o
Comércio de Serviços de Saúde

José Carlos da Silva
1º Diretor Secretário

**Reinaldo de Barros
e Silva Júnior**
2º Diretor Secretário

João Maciel Lima Neto
3º Diretor Secretário

José Lourenço da Silva
1º Diretor Tesoureiro

Ana Maria Caldas
2º Diretor Tesoureiro

Ademilson de Menezes
3º Diretor Tesoureiro

Francisco Mourato
Diretor para Assuntos
Sindicais

José Carlos de Santana
Diretor para Assuntos de
Relações do Trabalho

Michel Jean Wanderley
Diretor para Assuntos
Tributários

Eduardo Catão
Diretor para Assuntos de
Desenvolvimento Comercial

Alberes Lopes
Diretor para Assuntos de
Crédito

José Jorge da Silva
Diretor para Assuntos
de Consumo

Carlos Periquito
Diretor para Assuntos
de Turismo

Celso Cavalcanti
Diretor para Assuntos
do Comércio Exterior

Mário Mawad
Diretor para Assuntos
do Setor Público

Edivaldo Guilherme
1º Conselho Fiscal Efetivo

Roberto França
2º Conselho Fiscal Efetivo



Expediente

Set/Out 2019 | Edição 47

COORDENAÇÃO-GERAL/ EDIÇÃO

Lucila Nastássia

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO

Nilo Monteiro

FOTOS Agência Maker Mídia

REVISÃO Fabiane Cavalcanti

IMPRESSÃO CCS Gráfica

TIRAGEM 7.000 exemplares

*Obs.: Os artigos desta revista não refletem
necessariamente a opinião da publicação.*

*Conteúdo produzido pelo Núcleo de Branded
Content da Dupla Comunicação*



FECOMERCIO-PE.COM.BR

[/FECOMERCIOPE](https://www.facebook.com/FECOMERCIOPE)

[/FECOMERCIOPE](https://www.linkedin.com/company/FECOMERCIOPE)

[@FECOMERCIOPE](https://www.instagram.com/FECOMERCIOPE)

[@FECOMERCIOPE](https://twitter.com/FECOMERCIOPE)



Sumário



20

Pelas Ruas Que Andei

Rua do Bom Jesus:
pioneira e cheia de
boas histórias



26

Capa

Prática milenar, a
tatuagem supera
preconceitos e
mercado conquista
cada vez mais adeptos



36

Entrevista

Jorge Jatobá:
Plano Real
completa 25 anos



Fome de Quê

6

O que faz o
atendimento de
um restaurante
ser considerado
excelente?

Artigo de Opinião

8

A nova
Faculdade Senac,
por Carlos Calado

Ser Cultural

16

A Semana Geek e o
estímulo à leitura
no mundo virtual

Gestão Inovadora

46

Sindnorte, união
como prioridade

Em Foco

10

Uma mochila nas
costas e o mundo
na bagagem

Descubra

40

Conheça o Recife
Assombrado

Conjuntura

50

Interiorização
do Congresso de
Tecnologia na
Educação começa
por Caruaru



Fome de Quê

Por Christina Nunes

O QUE FAZ O ATENDIMENTO DE UM RESTAURANTE SER CONSIDERADO EXCELENTE?

Muitas pessoas diriam que é o sorriso e a cordialidade do garçom. Já outros falariam da velocidade e prestatividade do profissional. Independentemente do tipo de empreendimento de alimentação fora do lar, o que desejamos é sermos surpreendidos positivamente.

Se o atendente fizer apenas o básico, ou seja, der aquilo que solicitarmos, diremos que o serviço é bom, mas ele não seria memorável. Provavelmente, quando alguém perguntar o que achou do atendimento desse determinado local, você talvez nem lembre exatamente como foi.

Certa vez, discutia isso com alunos em sala de aula e uma das estudantes relatou um caso em que elogiou o manjericão da pizza. Na hora de pagar, o garçom trouxe a conta junto com uma muda. Ele explicou que plantavam o manjericão no restaurante e, já que a cliente tinha gostado tanto, trouxe para ela levar para casa. Essa história me deixou arrepiada. Que delicadeza incrível! Esse atendente, provavelmente, não teve treinamento para fazer esse gesto, ele apenas o fez por empatia e por se tratar de uma pessoa cordial.



O atendente precisa entender essas nuances para dar o melhor de si em cada uma dessas situações distintas

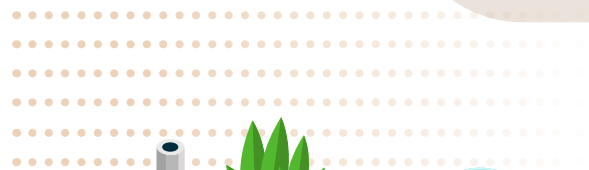
Christina Nunes

Lidar com cliente é uma das coisas mais difíceis que existem. As pessoas pensam diferente, umas das outras e, muitas vezes, uma atitude que poderia ser considerada positiva para alguns pode ser encarada como algo negativo por outros. Então, como fazer para tentar “padronizar” gestos como o descrito anteriormente? O treinamento contínuo é uma forma de tentar influenciar os colaboradores de uma empresa, fazer simulações de tipos de clientes e aprender como lidar com imprevistos. Ele é importantíssimo, tanto quanto o sabor e a apresentação dos pratos.

O ambiente do restaurante pode ser lindo e a comida, sensacional, mas, se as pessoas que a entregam não souberem lidar com situações inusitadas e compreender a dinâmica do ser humano, tudo pode ir por água abaixo. O mesmo cliente pode querer velocidade no almoço de negócios e calma na entrega dos pratos no jantar romântico. O atendente precisa entender essas nuances para dar o melhor de si em cada uma dessas situações distintas.

Se os restaurantes conseguissem entregar isso, eles formariam uma legião, não de clientes, e sim de fãs. E, acredite, fã é uma das melhores coisas que uma empresa pode ter. É aquele tipo de pessoa que defende você nas redes sociais, fala de você para todo mundo e perdoa inclusive alguns lapsos porque sabe que errar é humano. Fã é o que eu virei do garçom do manjericão, sem nem mesmo conhecê-lo. ■

Christina Nunes – Professora da Faculdade Senac





A nova Faculdade
Senac terá na
inovação, ousadia,
pesquisa e
planejamento
instrumentos de
melhoria constante
do seu fazer”

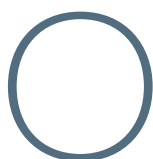
Carlos Calado



Artigo

Por Carlos Calado

A NOVA FACULDADE SENAC



Novo prédio da Faculdade Senac foi inaugurado em 25 de julho de 2019 pelo presidente da Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), José Roberto

Tadros; pelo presidente da Fecomércio-PE, Bernardo Peixoto; e pela diretora regional do Senac-PE, Valéria Peregrino. A Faculdade e sua nova sede foram iniciativas do professor Josias Albuquerque, educador, empreendedor, inovador, além de visionário, sempre à frente do seu tempo.

Os cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade seguem itinerário formativo do Senac, que se inicia nos cursos profissionalizantes de formação inicial e continuada e técnico de nível médio. Eles buscam adotar o modelo pedagógico focado no aprender fazendo, com compromisso de atender às necessidades dos arranjos produtivos regionais, bem como ao desenvolvimento e uso de tecnologias modernas e inovadoras. Para formar pessoas e desenvolver soluções, a Faculdade precisa atender às normativas do MEC e sua régua avaliativa consubstanciada no Sistema Nacional de Avaliação do Ensino Superior (Sinaes), assim como, primordialmente, às expectativas e necessidades do setor econômico de comércio de bens, serviços e turismo.

Verifica-se que os avanços tecnológicos se dão cada vez mais em menores espaços de tempo, aumentando a dificuldade de o sistema produtivo dispor de profissionais detentores do conhecimento do dia. Busca-se então que, a cada etapa concluída ao longo do percurso formativo, o estudante obtenha conteúdos e práticas formais para ter reconhecimento público, por meio de certificados e diplomas, podendo exercer atividades econômicas em melhores condições. Assim, têm-se diretrizes estratégicas de ofertar formações que promovam a qualificação profissional das pessoas, nas quais o egresso seja possuidor de habilidades técnicas, criatividade, resiliência, valores éticos e de trabalho em grupo.

A nova Faculdade Senac terá na inovação, ousadia, pesquisa e planejamento, instrumentos de melhoria constante do seu fazer. Os modelos são fluidos e desafiam as pessoas diariamente. Assim, conhecimento, atitude e ética farão a diferença para obtenção dos melhores resultados. ■

Carlos Fernando de Araújo Calado — Doutor em Engenharia e Diretor da Faculdade Senac



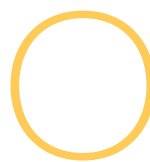
Em foco

Por Ericka Farias

UMA MOCHILA NAS COSTAS E UM MUNDO PARA DESBRAVAR



Pesquisa revela que viajar está entre os cinco principais sonhos do brasileiro. Estilo de vida mochileiro ganha cada vez mais adeptos



brasileiro parece mesmo ter tomado gosto por conhecer novos destinos.

De acordo com o estudo “2019: Turismo, consumo & aeroporto: o superturista brasileiro”, realizado pelo Instituto de Pesquisa Locomotiva e apresentado no Fórum Panrotas, 94% dos brasileiros têm interesse em viagem e turismo. A pesquisa ainda revelou que viajar está entre os cinco principais sonhos dos brasileiros (14%), ficando à frente de fazer uma faculdade (12%) e constituir uma família (8%).

Para 86% dos entrevistados, viajar é uma oportunidade de ter experiências novas, 76% afirmam que sempre aprendem algo novo durante os roteiros e 79% acreditam que sempre vale esse investimento. Além disso, seis em cada dez viajantes aéreos afirmam que, enquanto viajam, planejam a sua próxima viagem.

A Euromonitor International, consultoria global de pesquisa e inteligência estratégica de mercado, elenca o desejo de viajar como uma das “10 Principais Tendências Globais De Consumo 2019”. O turismo tradicional perde espaço para as viagens experimentais e personalizadas, com roteiros de transformação interna e experiências autênticas em harmonia com os valores e desejos do viajante. Dentro dessa nova perspectiva, ganha destaque o estilo de vida dos mochileiros. Os roteiros costumam ser de baixo custo, os hotéis são trocados por albergues e, muito mais do que pontos turísticos, eles preferem conhecer culturas e conviver com moradores de cada localidade.





Leonardo Monteiro, 26 anos, mora em Paulista e é um apaixonado por desbravar o mundo com uma mochila nas costas. “Em 2014, eu trabalhava muito e fazia faculdade. Estava buscando um estilo de vida mais leve. Fiz a minha primeira viagem para Natal, no Rio Grande do Norte, e me encantei”, afirma o mochileiro. O emprego em escritório foi trocado pelos doces e bolos. “Dessa forma, consigo me organizar e planejar tempo para minhas viagens”, declara.

Nos últimos anos, Leonardo já passou por sete países e por diversos estados do Brasil. “Conheço todo o Nordeste e boa parte do país. Já tive a oportunidade de visitar Portugal, França, Itália e Colômbia, país no qual passei 22 dias”, relembra. Antes de partir, planejamento é fundamental para traçar as rotas. “Fóruns na internet são muito bons para compartilhar experiências. Busco promoções de passagens e procuro ficar em albergues ou Airbnb”, relata Leonardo.





Morador do Recife, **Jayme dos Santos**, 39 anos, compartilha suas aventuras pelo mundo no blog “Juntando Mochilas”. A paixão por viagens começou ainda na infância e, depois de adulto, colocar o pé na estrada foi inevitável. “Viajar representa respirar novas experiências, estar em contato com outros ares, cheiros e culturas. Você é bombardeado por outro jeito de viver, língua e arquitetura”, explica Jayme.

Sozinho ou acompanhado da esposa ou de amigos, Jayme dos Santos não abre mão de roteiros econômicos. “Até na minha lua de mel, fiquei em um albergue”, relembra. Atualmente trabalhando como sommelier de cervejas, a função autônoma ajuda no controle do tempo para viajar. “Visito principalmente o Nordeste, mas já passei por 14 países e já cheguei a ficar 35 dias fora”, ressalta.



Mulher pelo mundo

Ana Flávia Vieira tem apenas 25 anos, mas já acumula a experiência de quem passou por 81 países. “Sempre quis viajar, mas paixão mesmo, de decidir que é isso que eu quero fazer da minha vida, foi depois de um intercâmbio de um ano nos Estados Unidos. Fui estudar durante o ensino médio e já voltei pensando como eu ia embora de novo”, revela. Viajando há 15 meses, ela já passou até mesmo por lugares pouco visitados pelo turismo tradicional. “Os países que mais surpreendem são aqueles que não geram expectativa. Você vai para a França e já sabe que vai visitar Paris, Torre Eiffel, castelos, ver praias e montanhas. Já se você vai para Albânia, o que tem por lá? Eu vou lá descobrir. Os mais fascinantes para mim foram Albânia, Bielorrússia, Guatemala, Irã, Síria e Palestina”, explica Ana Flávia.

Formada em Sociologia, Ana Flávia costuma usar os stories do Instagram @pelagalaxia para mostrar um pouco do contexto histórico e da realidade de cada país que visita. “Meu interesse sempre foi descobrir a cultura e a sociedade local. Quando a gente usa esse termo ‘mochilar’ significa que você quer conhecer e não apenas ver, tirar foto e ir embora. A pessoa que compra um pacote de viagem não conhece nenhum morador local além daqueles que estão trabalhando para ela, como a recepcionista do hotel ou o guia de turismo. Conversando com ‘locais’ você descobre mais sobre o dia a dia. Tento passar essas informações e dar um ponto de vista. Quanto mais desconhecido o país, mais informações tenho que passar”, relata Ana Flávia, que já visitou diversos países do Oriente Médio, lugar ainda repleto de preconceito que aparece desmistificado nos seus stories.

O planejamento para viajar tanto é basicamente financeiro. “Às vezes, faço uma rota dos países que quero passar e a viagem vai se desenrolando. Hoje estou em Londres, mas não sei onde estarei sexta-feira que vem. Eu tenho um orçamento de 50 euros por semana e me planejo para gastar isso. Abro mão de muitas coisas”, afirma Ana Flávia. Para juntar dinheiro e continuar sua estrada ela acumula experiências de emprego pelo mundo. “Trabalho com crianças. Pode ser como babá, em acampamento de férias, em festa de aniversário, com recreação, todo esse tipo de coisa. Isso é algo positivo porque tenho trabalho no mundo inteiro. Estudo muito sobre desenvolvimento infantil, por isso, quando eu me candidato a uma vaga, normalmente eu sou contratada já que tenho excelência no que faço”, destaca.

Quando uma mulher viaja sozinha sempre surgem perguntas sobre segurança. “Eu conto em uma mão as situações de risco que já passei. Nós, mulheres, acabamos tendo medo de fazer o que os homens fazem todos os dias. O mundo é mais perigoso para mulher? Sim. Mas a gente não pode deixar isso nos frear, não podemos desistir dos nossos sonhos. Tenho os mesmos cuidados de quando estou no Brasil”, relata Ana Flávia, que vende um e-book com dicas para mulheres que querem começar a viajar sozinhas.



Com a família na bagagem

Diferentemente da maior parte dos mochileiros que viajam sozinhos, **Claudia Pegoraro**, 43 anos, costuma curtir novas experiências acompanhada da família, mas a paixão por desbravar o mundo vem ainda da época de solteira. “Gosto de viajar desde criança, talvez por influência do meu pai que tinha muitos livros de viagens. Eu fiz a faculdade pensando em uma profissão que me proporcionasse um bom salário e tempo de férias para realizar as viagens”, destaca. A promotora de justiça revela que nunca gastou um dia de férias sem ser em viagens. “Antes de ter o meu filho, meu marido, Marlon, e eu ficávamos em albergues com quarto compartilhado. Fazia todo o possível para economizar. Continuamos nos hospedando em hostels, mas tentamos sempre pegar quartos individuais e gostamos muito de viajar de motorhome”, explica.

Claudia revela que, após a formatura na faculdade, passou sete meses mochilando pela Europa e as viagens longas não ficaram para trás por causa da família. “Quando o Felipe tinha um ano, passamos cinco meses fazendo uma viagem de volta ao mundo. Ele completou dois anos dentro do Trem Transiberiano”, relembra a promotora, que já tirou licença não remunerada para ter mais tempo para viajar.

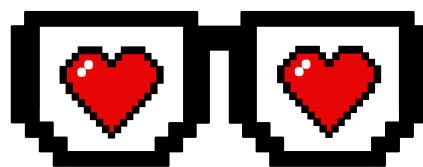
A mochileira já passou por 83 países, sendo 62 deles junto com seu filho, Felipe, de 9 anos. “A Mongólia foi um lugar interessante, o Kosovo foi uma experiência diferente porque era um país que havia estado em guerra recentemente. Amamos a Islândia e a Nova Zelândia é um dos lugares mais legais para viajar. Passei o último Natal no Sri Lanka, mas o lugar que é a maior de todas as viagens é a Índia. É um teste para qualquer pessoa”, enumera.

As viagens continuam sendo feitas com frequência, mas atualmente elas se restringem aos meses de recesso de Felipe. “Depois que ele entrou na escola regular, temos viajado sempre nas férias escolares. Ano passado viajamos de dezembro a janeiro. Ele não faltou nenhum dia de aula. Agora em julho aproveitamos para fazer a viagem pela Noruega, mas ele faltou apenas dois ou três dias de aula. Uma vez ele faltou uma semana para ir ao Alasca, mas não foi legal para ele porque ficou muita matéria para recuperar. Aí a gente combinou que ele não ia mais se ausentar”, destaca. Claudia conta toda sua experiência no blog “Felipe, o pequeno viajante” e no Instagram @claudiarodriguespegoraro. ■



Ser Cultural

Por Renata Ramos



SEMANA GEEK

E O ESTÍMULO À LEITURA NO MUNDO VIRTUAL

Dentro de um contexto de mudanças socioculturais e tecnológicas, pelo largo acesso à informação e estímulo ao uso de canais virtuais, criou-se a necessidade de as bibliotecas repensarem como acessar seus usuários e incentivar o hábito da leitura dentro desse novo paradigma. Para atingir especialmente a parcela jovem, elas devem utilizar novas estratégias para que a leitura se torne uma habilidade que possibilite acompanhar a renovação contínua do conhecimento. Isso exigirá independência, criatividade e autocrítica na seleção e na disseminação de informações, assim como na construção do conhecimento adquirido por meio dos novos formatos de acesso aos dados pelos quais somos bombardeados atualmente.



Renata Ramos



Fomentando uma conexão maior com o virtual, as bibliotecas devem reconhecer caminhos de relacionamento e vínculo com seus usuários nesse universo tão vasto que é a internet. Um caminho utilizado na rede de bibliotecas do Sesc Pernambuco é o uso da cultura geek como via de acesso ao público jovem. Por meio das interfaces dessa cultura, trabalhamos formas novas de leituras dentro de uma interação divertida e construtiva.

Com eventos voltados para o público jovem, a rede de bibliotecas do Sesc Pernambuco desenvolveu o projeto intitulado Semana Geek. Inicialmente realizado na unidade de Santa Rita, no ano de 2018, neste ano o projeto foi expandido para as bibliotecas da Região Metropolitana do Recife, localizadas em Santo Amaro, Piedade, Sesc Ler São Lourenço, Sesc Ler Goiana e Casa Amarela, no mês de agosto de 2019.



Com atividades que visam estimular o hábito da leitura e a divulgação da cultura geek, introduzimos um novo formato de relacionamento com nossos clientes, estimulando novas formas de leituras. Fazendo uso das novas tecnologias que colocam o leitor no centro da comunicação, percebemos que se tem uma liberdade cada vez maior em relação ao texto, mais aberto à participação ativa.

Utilizamos diversas ações para atingir nosso objetivo inicial – o estímulo e a disseminação da leitura, com atividades que apresentassem a cultura geek ao nosso público e divulgassem a rede de bibliotecas para clientes fora das redes já estabelecidas no Sesc. Para cada biblioteca, foi pensado um tema a ser trabalhado em cada dia, atingindo mais áreas da cultura geek. A escolha foi feita por afinidade com a temática ou acervo relacionado, ou até como proposta de inovação das temáticas produzidas na agenda da biblioteca.

Foram realizadas exposições de livros com temática ligada à programação da semana, composta por atividades recreativas, palestras e oficinas relacionadas ao acervo exposto. O objetivo era estimular tanto o conhecimento do público acerca da cultura geek, quanto o estímulo à leitura e o acesso à informação, ação fundamental da nossa rede de bibliotecas.

Essas ações foram realizadas entre 27 e 30 de agosto nas bibliotecas e como prelúdio para o evento maior, realizado em 31 de agosto pela Biblioteca Marcus Accioly, em Casa Amarela, com atividades relacionadas à literatura, cinema, dança, teatro, cultura, envolvendo todas as áreas trabalhadas durante a semana nas bibliotecas da rede. Entre as temáticas abordadas, estavam intervenções em diversos formatos, como as palestras “RPG e criação literária” e “Arquétipos femininos dentro do universo anime/mangá”, além das oficinas que auxiliaram na construção de cadernos de animais fantásticos ou de marca-páginas.

Todas as ações foram planejadas para trabalhar a leitura como um processo interativo porque cada pessoa dá um sentido diversificado para o mesmo texto, pois possuem níveis de conhecimento diferentes em relação ao tema tratado, ou seja, o sentido de um texto dialoga com o conhecimento anterior que o leitor possui sobre o assunto. E é essa interação o fator decisivo para a conexão com o processo de disseminação da informação por meio do “mundo virtual”. Partindo do universo do nosso público, criamos atividades para estimular e alcançar a leitura, os livros e, por fim, as bibliotecas. ■

Renata Ramos — Bibliotecária do Sesc Casa Amarela e responsável pela Semana Geek

REDE DE RESTAURANTES DO SESC

Alimentação
saudável para o
trabalhador do
comércio.



Conheça nossas unidades em:

- 📍 Recife
- 📍 Jaboatão dos Guararapes
- 📍 Arcoverde
- 📍 Caruaru
- 📍 Garanhuns
- 📍 Petrolina

sescpe.org.br

Siga-nos!

📷 @sescpe

f /sescpe

📍 /sescpernambuco



Pelas Ruas
que Andei

Por Marina Varela

PIONEIRA E REPLETA DE HISTÓRIA





A Rua do Bom Jesus se consagra como uma das ruas mais importantes do Bairro do Recife, desde o tempo das colonizações europeias



Vários mercadores e comerciantes vieram com os holandeses e se reuniram na via, instalando seus negócios e sua sinagoga

George Cabral

De origem portuária, o Recife surgiu, em 1537, na principal área da Capitania de Pernambuco, a mais rica do Brasil Colônia. Nesse período, a Rua do Bom Jesus foi uma das primeiras vias a se formar na região, principalmente por alinhar o porto com o caminho que saía para Olinda, então capital do estado. A rua ganhou ainda mais importância ao longo dos anos, com mais ênfase após a invasão holandesa, em 1630.

“Os holandeses avaliaram que sairia muito caro fortificar e providenciar a proteção que Olinda precisava para que o lugar não fosse atacado e tomado de volta pelos portugueses. Além disso, o relevo de Olinda não ajudava, pois era muito acidentado e cheio de morros”, comenta o historiador George Cabral, professor do Departamento de História

da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). A solução que os holandeses encontraram está marcada na história pernambucana como o Incêndio de Olinda, em 1631. Os holandeses saquearam todas principais construções e atearam fogo no que restou.

O Recife então se sobressaiu em importância econômica, densidade populacional e crescimento urbano, passando a ser o foco do domínio holandês. “É aí que a rua mostra sua grandiosidade para a época. Vários mercadores e comerciantes vieram com os holandeses e se reuniram na via, instalando seus negócios e sua Sinagoga. Por esse motivo, a rua passou a se chamar Rua dos Judeus”, explica Cabral. Constituindo-se como a primeira das Américas, a sinagoga Kahal Zur Israel existe até os dias de hoje apresentando aos visitantes os elementos e histórias da cultura judaica.



Guilah Naslavsky

A prosperidade holandesa, contudo, cessou com a retomada do domínio luso-brasileiro, em 1654. Na tentativa de afastar a presença dos judeus na região, o nome da rua foi alterado para Rua da Cruz, mas as marcas da presença holandesa estão presentes até hoje. Durante a colonização holandesa, a cidade foi cercada por muros e portas controlando o acesso e o comércio da região. “Na extremidade norte da rua, quase chegando na Torre Malakoff, havia uma porta, chamada de Porta Norte. Com a Insurreição Pernambucana, os luso-brasileiros construíram o Arco do Bom Jesus, dedicado ao culto do Bom Jesus”, informa o historiador. Demolido no século 19, o arco foi homenageado ao passar a denominar a rua, que agora se chamaria Rua do Bom Jesus.

Mas a expulsão dos holandeses da capital pernambucana não mudou apenas o cenário regional. Temendo a perseguição portuguesa, 23 famílias judaicas

fugiram do Recife para o Caribe e depois chegaram na América do Norte, instalando-se numa pequena cidade conhecida como Nova Amsterdã. Junto com outros judeus da região, essas famílias fundaram a primeira comunidade judaica local, que deu origem à cidade de Nova York, nos Estados Unidos.

Em 1909, o Bairro do Recife foi remodelado para a valorização do local. Inspirando-se em uma estética eclética e moderna, a nova região tinha estruturas maiores, como explica a arquiteta e professora de história da arquitetura da UFPE, Guilah Naslavsky: “Com a reforma, os imóveis ficaram mais altos, aumentaram os pés-direitos para embelezamento e salubridade, no estilo boulevard de Paris. A valorização foi principalmente para o sanitário da cidade porque o espaço era o centro comercial de grandes negócios e bancos”.

O bairro foi modernizado, mas alguns traços das colonizações ainda estão conservados na Rua do Bom Jesus. “A arquitetura da rua ainda remete ao período colonial, por isso ela é tão importante. O seu parcelamento é o que restou da parte mais antiga do Recife”, analisa Guilah. Comparando o desenho original da Rua do Bom Jesus com as ruas ao redor, é possível ver as mudanças. “Os lotes das outras ruas foram unificados, a largura dos edifícios é maior, já a Rua do Bom Jesus é diferente. É composta por típicos sobrados recifenses, estreitos e compridos, por conta da densidade e da localidade. Então as residências começaram a ficar bem altas, com até seis andares. Na Rua do Bom Jesus, ainda podemos ver exemplos com cinco andares”, completa a professora.



Pedro de Olinda



José Ferreira de França



“
Foi a minha primeira
vez na Feira
do Bom Jesus.
As artes em barro
são maravilhosas”

Lígia Couto, do Paraná

A Feira do Bom Jesus

A vocação da Rua do Bom Jesus para o comércio continua até os dias de hoje. Aos domingos, funciona a Feira Domingo na Rua, popularmente conhecida como a Feira do Bom Jesus. Este ano, ela está completando duas décadas de arte, moda, gastronomia e decoração para todos que procuram, no Bairro do Recife, cultura e diversão.

O espaço de exposição na feira funciona por meio de uma parceria público-privada, mas atrai artesãos, transeuntes, músicos e artistas. Pedro de Olinda é um exemplo disso. Músico, compositor, artesão e ator, Pedro está na feira desde o início e atualmente vende máscaras de papel machê. “Mesmo sem estande, venho para a Rua do Bom Jesus, porque está sempre movimentada com turistas e pessoas interessadas em arte”, afirma o artista.

Outro com experiência na feira é o artesão José Ferreira de França Filho, conhecido como França. O artesão vende telas na feira dominical principalmente pela praticidade na entrega durante as vendas, mas pinta todo tipo de superfície, com uma atenção especial aos vidros e pratos. Há 19 anos na feira, França acredita que ainda existem recifenses que não conhecem o local. “Ações da prefeitura, como o Recife Antigo de Coração, que acontece no último domingo de cada mês, ajudam a movimentar e deixar a Rua Bom Jesus e o Bairro do Recife cada vez mais agitados. Mesmo que o movimento tenha diminuído um pouco nos últimos oito anos, a feira ainda é um difusor importante da nossa cultura”, analisa.



Estava no Cais do Sertão e decidi parar na feira para aproveitar a música e a culinária”

Socorro Caldas



Venho na feira pelo menos uma vez por mês e desta vez adorei os vasos para suculenta”

Norma Veloso



Marcela Almeida



Antônio Franco



É o que acredita também a artesã Marcela Almeida, que vende artigos estampados, como bolsas, camisas e quadros. “Todo domingo, a feira está presente para movimentar o Recife Antigo porque, mesmo sem atração pelo entorno, ela ajuda a atrair público e reunir quem está só passando pelo bairro”, ressalta Marcela.

Para o empreendedor Antônio Franco, a diversidade do público é o diferencial da feira. “O público é diverso demais, já vendi peças para pessoas daqui e para turistas de outras partes do Brasil e também do exterior”. Com apenas um ano de feira, Antônio ainda garante que a Rua do Bom Jesus é essencial para o sucesso de vendas. ■

NOVA SEDE DA FACULDADE SENAC.

Uma sede à altura do conhecimento.

A faculdade que prioriza práticas acadêmicas inovadoras e colaborativas, que asseguram a empregabilidade, ganha mais um diferencial: sua nova e moderna sede em Santo Amaro.

Com 22 pavimentos e mais de 22 mil m² de área construída, a nova sede conta com 15 laboratórios, entre eles o People &

Management LAB e a sala de inovação Google, 53 salas de aula, duas salas multifuncionais, espaço para empresa júnior, auditório, salão de eventos e 3 espaços de convivência, incluindo área de jogos e terraço, além de uma

biblioteca com salas de estudos individuais e em grupo. A estrutura mais moderna da educação de Pernambuco para continuar sendo uma das melhores faculdades do Nordeste.

Saiba mais em
facsenacpe.com.br





PAIXÃO À FLOR DA PELE

Prática milenar
presente em diversas
civilizações, a
tatuagem já foi alvo de
muito preconceito, mas
segue conquistando
cada vez mais adeptos
nos dias atuais



É inegável a popularidade das tatuagens nos dias de hoje. Apesar de ser mais popular entre os mais jovens, é uma tradição ancestral e a história mostra que a prática está presente na humanidade há milênios. Egípcios, polinésios e muitos outros povos têm os desenhos na pele como parte de suas memórias, com significados diversos que vão de símbolos de status e virilidade até a marcação de criminosos. “É uma prática quase tão antiga quanto nossa capacidade de querer uma identidade própria, ou mesmo uma ligação com o divino. Elas foram proibidas aos hebreus pelo próprio Iavé, adotadas como símbolo de distinção social entre os maoris, utilizadas também pelos ainu, berberes, iorubás, gregos, entre outros. A técnica de introduzir tintas nas camadas subcutâneas da pele através de cortes ou injeções é responsável por revelar muito sobre como uma sociedade se comporta”, explica o historiador Walter Nascimento Júnior.

Na Idade Média, as tatuagens começam a ganhar uma imagem negativa na cultura ocidental, incentivada por instituições tradicionais. “O papa Adriano I, baseado nas passagens do livro de Levíticos, proíbe a prática de marcar os corpos, uma vez que o corpo era templo e morada do Espírito Santo e o desenho era comumente associado ao paganismo e demais práticas que a Igreja considerava demoníacas. Por isso, não se tatuar era uma forma de adoração verdadeira a Deus”, detalha Nascimento.

Com as grandes navegações durante a Idade Moderna, o mundo começava a mudar. E as tradições sobre o corpo também. James Cook, capitão e navegador britânico, introduziu a palavra “tattoo” no vocabulário do ocidente. A palavra era usada para descrever as marcas nos corpos dos nativos. Os desenhos eram feitos utilizando ossos finos e madeira e durante as sessões era possível ouvir o som “tatau” constante e ritmado das ferramentas em ação. Após a visita de Cook aos maoris, o hábito de fazer tatuagens acabou se transformando em um souvenir entre os marinheiros ingleses, passando a ser um objeto de desejo desse público.



A escolha por determinada imagem tem a ver com a história de vida de cada um”

Walter Nascimento Jr.

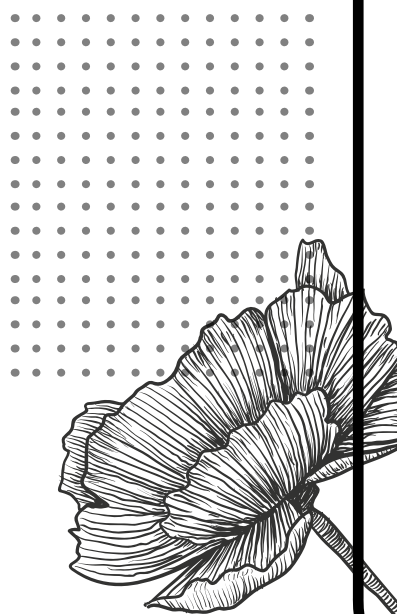
De acordo com Nascimento, o século XIX ajuda a reforçar a ideia negativa dos desenhos na pele. Em 1879, o império britânico resolve marcar seus criminosos com tatuagens de números e símbolos que identificassem suas transgressões de forma permanente. “Por outro lado, nada pode deter o antigo desejo de se tornar único. Mesmo com a associação com marinheiros, criminosos, estivadores e prostitutas portuárias, reis e imperadores resolveram gravar seus brasões de armas em seus corpos, como o czar Nicolau II (Rússia) e o rei Jorge V (Reino Unido)”, comenta. Ainda segundo ele, as guerras contribuíram para tirar os desenhos na pele da marginalidade. “Durante a Segunda Guerra, já com o aparelho elétrico, os soldados, pilotos e marinheiros tatuavam o nome daqueles que amavam

em seus braços e peitorais, como uma forma permanente de levar consigo uma lembrança de casa”, completa Nascimento.

No Brasil, a tatuagem moderna só chegou em 1959, com o dinamarquês Knud Harold Lucky Gegersen, conhecido popularmente como Lucky Tattoo, ou Mr. Tattoo. O artista estabeleceu-se na boemia de Santos, em São Paulo, utilizando seu talento e suas técnicas de desenhista como artista plástico e tatuador. Os seus clientes eram principalmente marinheiros e, na porta da tattoo shop, havia os dizeres “It’s not a sailor if he hasn’t a tattoo”, ou seja, “Você não é um marinheiro se não tiver uma tatuagem”. O famoso tatuador morreu em 1983, aos 55 anos, deixando um legado de 45 mil pessoas tatuadas. O Dia Nacional

do Tatuador, comemorado em 20 de junho, marca a data em que Lucky chegou ao Brasil, iniciando a história desse segmento no país.

O professor Walter Nascimento Júnior também diz que a tatuagem pode ser vista como uma maneira de os indivíduos expressarem seus padrões de vida e personalidade. “Para cada pessoa, o desenho tem um significado próprio, levando em consideração fatores particulares. A escolha por determinada imagem tem a ver com a história de vida de cada um”, completa Nascimento. Além da escolha do desenho que mais se adequa, antes de se submeter às agulhas, é preciso ficar atento a alguns quesitos essenciais, como capacitação do profissional e cumprimento de normas determinadas pelos órgãos reguladores.



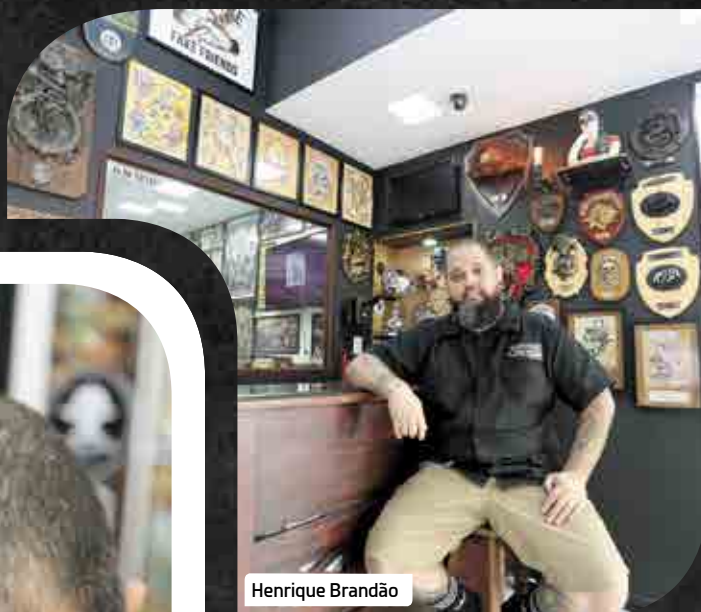
Normas e regulamentação

Todo profissional que leva seu trabalho a sério procura recursos para se desenvolver, crescer e conseguir destaque naquilo que faz. No mundo das tatuagens não é diferente. Segundo o instituto alemão Dalia, cerca de 35% da população mundial possui alguma no corpo. Depois dos Estados Unidos e do bloco europeu, o Brasil ocupa o terceiro lugar entre as regiões que mais fazem esse tipo de trabalho, segundo a Associação Brasileira de Tatuadores e Perfuradores do Brasil (ATPB). No país, a ATPB, estima que são 200 mil lojas. Antes de simplesmente abrir um estúdio, no entanto, o tatuador precisa ter conhecimento e seguir algumas regras impostas pela Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) para evitar problemas de saúde no cliente, como alergia, irritação ou doença contagiosa, como a hepatite.

“São as normas da Anvisa que garantem a saúde das pessoas tatuadas e, consequentemente, parte da satisfação delas. Caso o estúdio não siga essas regras, ele pode ser autuado e fechado. Por isso, antes de pensar no local em que irá instalar o negócio, o tatuador deve se informar sobre essas diretrizes”, explica Romércia Lima, analista do Sebrae em Pernambuco. A Anvisa exige, por exemplo, que a sala de atendimento seja individual e que haja a devida esterilização dos materiais. Seguir esses procedimentos ajuda a evitar problemas com a fiscalização e os próprios clientes. “Antes de escolher um estúdio, o cliente deve verificar se o local está regularizado para realizar o serviço”, orienta Romércia.



Romércia Lima



Henrique Brandão



Famoso por dominar a arte de decifrar o desejo do cliente e cuidadoso nos detalhes do traço e na escolha das cores, Henrique Brandão é um dos tatuadores mais conhecidos na cidade do Recife. Especialista no estilo old school, o tatuador não abriu mão de investir no seu estúdio para oferecer segurança e um bom trabalho para os seus clientes. “Não basta vender arte, mas oferecer para o consumidor um espaço em que ele esteja seguro para receber o seu tão desejado desenho. Infelizmente, muita gente ainda não dá o devido valor, chegando a achar que se trata apenas de vaidade.

Quando, na verdade, é uma regra que todo tatuador deveria seguir ao montar um estúdio”, comenta o dono do estúdio Henrique Brandão Tatuagem Tradicional.

Apesar de estar no mercado há mais de uma década, Henrique diz que continua evoluindo. “Nesse segmento, sempre há momentos de aprendizado. É importante que o tatuador seja dedicado a oferecer um diferencial. Para isso, é fundamental estar sempre se atualizando: seja em relação aos desenhos ou à forma de gerir o seu estabelecimento”, completa.

Segundo Romárcia Lima, a profissionalização do tatuador contribui bastante para o crescimento do negócio. “O próprio consumidor busca se informar a respeito do licenciamento do local. Os tempos mudaram e o cliente está cada vez mais cuidadoso com a saúde e critérios na hora de tomar uma decisão. E os profissionais estão atentos a essa mudança. Há estúdios de tatuagem que colocam salões de beleza no ‘bolso’”, aponta a analista do Sebrae em Pernambuco.





Isabelle Santos

Profissão tatuador

Nesse mercado, há talvez dois principais desafios: começar e se estabelecer. A carreira de um tatuador é semelhante à de qualquer artista. O caminho para a fama pode ser longo demais e o trabalho produzido, em geral, é fruto do estilo que cada um escolhe desenvolver e, naturalmente, de sua própria personalidade. Muitos tatuadores têm apostado em desenhos autorais, sem livros com inspirações, mas criando junto com o cliente um desenho com identidade própria. No início, para treinar técnicas e traços, muitos contam com amigos, que acabam servindo de cobaias e renunciando à perfeição no resultado para demonstrar a amizade.

Tatuadora há cinco anos, Isabelle Santos trabalha com desenhos autorais e revela que no início foi difícil. “Ficava me perguntando se era uma boa decisão começar porque não sabia como entrar nesse mercado. Como eu já sabia desenhar, não tive tanta dificuldade prática. Com dois meses, eu já estava montando um estúdio na minha casa”, comenta. Para ela, muito mais do que o retorno financeiro, o trabalho precisa refleti-la como artista. “Se o cliente chega com uma imagem pronta, eu tento adaptá-la para o meu estilo de desenho porque eu só tatuo algo que possua minha identidade”, completa a tatuadora. Atualmente, ela tatua no LeMana Tattoo Studio.





O estudante de Design Vítor Freire Fernandes..... resolveu entrar nessa área há pouco mais de um ano e meio. Ele diz que o seu amor pelo desenho ajudou a escolher esse trabalho. “Poder colocar na pele das pessoas a minha arte é algo que me fascina. Ofereço aos meus clientes gravuras exclusivas, feitas por mim com o meu próprio estilo”, comenta o jovem. Ele revela que sente uma resistência por causa da pouca experiência. “Conseguir clientes que aceitem meu desenho é o maior desafio, mas acredito que faz parte do mercado e todos passam por isso. Sigo aprendendo e aperfeiçoando os meus traços”, completa Fernandes, que trabalha no estúdio Needles Tattoo.



Body piercer e apaixonada pelo segmento, Lelly Rodrigues, 25 anos, é uma entusiasta dos trabalhos autorais. “Gosto da ideia de saber que aquela tattoo foi feita exclusivamente para mim. Existem desenhos, mas também há artes para a tatuagem. E é isso que procuro fazer quando escolho uma nova para ser feita em mim”, comenta Lelly, que possui mais de dez tatuagens no corpo. As artes “identitárias”, que unem o estilo do tatuador à ideia de quem será tatuado, são diferentes dos desenhos prontos presentes muitas vezes em livros. Elas são parte de um processo de mudança na relação entre o público e o tatuador. “Hoje o cliente prefere juntar uma grana para fazer um desenho com um tatuador específico, alguém que domine a técnica que a imagem exige”, opina Lelly.

Ambiente de trabalho

As tatuagens estão entre os detalhes visuais que podem parecer incompatíveis com determinadas funções em algumas empresas, principalmente aquelas que têm uma cultura tradicional. Por outro lado, o mundo corporativo vem se tornando cada vez mais flexível.

A pigmentação da pele vem ganhando espaço no ambiente profissional, uma vez que muitos empregadores estão mais interessados na eficiência e desempenho do trabalhador do que na sua aparência, ou no que ele faz ou deixa de fazer com seu próprio corpo.

O fato de a sociedade estar cada vez mais familiarizada com pessoas tatuadas implica na aceitação maior delas no mercado de trabalho. O artigo 482 da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT), por exemplo, diz que tatuar-se, ou ter o desenho já tatuado, não é motivo para demissão. De acordo com o advogado João Varella, nenhuma empresa pode obrigar seus funcionários a cobrir ou ameaçar demiti-los por causa disso. “A ação é considerada de caráter constrangedor passível de processo, além de dar ao trabalhador o direito de pedir uma rescisão indireta do contrato de trabalho, recebendo todas as indenizações a que tem direito”, explica Varella.



//
Acredito que ainda há lugares que veem as tattoos como algo negativo, mas elas são tão normais quanto um corte de cabelo”

Pedro Godoy



Chefe de cozinha há dez anos, Pedro Godoy, 28 anos, usa tatuagens desde o início da sua carreira profissional. “Nunca sofri algum tipo de preconceito por causa dos desenhos que tenho na pele. Acredito que ainda há lugares que veem as tattoos como algo negativo, mas elas são tão normais quanto um corte de cabelo”, comenta o chefe de cozinha do Arvo Restaurante.



//
Comecei a consumir
tatuagem para tentar
me encaixar em algo
que eu achasse bonito.
E deu certo, porque
eu passei a amar cada
pedaço do meu corpo”

Amanda Edias



Autoestima resgatada

A tatuagem pode ser muito mais que um mero desenho. Para alguns, ela pode ser uma espécie de grito, uma forma de se expressar. Para outros, uma alternativa para fugir de padrões estéticos, ou até mesmo buscar uma identidade. Seja lá qual for o motivo para eternizar uma imagem na pele, certamente há uma história por trás da escolha.

A artesã e professora de ioga Amanda Edias, 26 anos, percebeu ainda jovem que esse segmento poderia oferecer a autoestima que lhe faltara por muito tempo. “Desde muito nova, eu enxergava

meu corpo como algo de que eu não gostava, mesmo estando no padrão ‘menina branca, heterossexual e magra’. Minha autoestima era muito afetada por isso. Comecei a consumir tatuagem para tentar me encaixar em algo que eu achasse bonito. E deu certo, porque eu passei a amar cada pedaço do meu corpo”, desabafa Amanda.

Atualmente, Amanda possui oito tatuagens em sua pele. A sua primeira é a frase “A dor é tão velha que pode morrer”, trecho da música *Olê, olá* de Chico Buarque. “Eu tinha 19 anos quando a fiz e estava me

recuperando de uma depressão. Foi quando decidi viver minha vida como ela realmente é, em vez de deixar minhas doenças me afetarem”, conta.

O seu último desenho foi feito em agosto desse ano e tem relação com um dos seus trabalhos. “Essa última também é muito importante e me emociona bastante, uma vez que são materiais que eu uso no meu trabalho de crochê. Há um peso na imagem porque representa algo que escolhi fazer da vida, já que o crochê me faz feliz e me fez sentir completa”, afirma, entusiasmada, a artesã.



Orientações técnicas para o serviço

O estabelecimento deve possuir alvará de funcionamento e registro na Vigilância Sanitária;

O ambiente deve ser limpo, ventilado e livre de contaminações externas;

A resolução RDC nº 55/08, da Anvisa, estabelece normas para a comercialização no Brasil de tintas usadas em pigmentação artificial da pele. Somente podem ser utilizados tinta e equipamentos que possuem o registro válido na Anvisa;

As agulhas devem ser descartáveis, de uso único, com a embalagem sendo aberta na frente do cliente. O material deve ser descartado em recipiente próprio e na frente do cliente;

São proibidas a prescrição e administração de medicamentos como anestésicos, antibióticos, anti-inflamatórios e outros, por qualquer via, seja ela tópica, oral, injetável etc.;

As tintas devem ser fracionadas para cada cliente, devendo suas sobras serem descartadas;

Deve-se mostrar ao cliente a data de validade das tintas utilizadas no procedimento;

A informação sobre o prazo de validade e o prazo para uso desses produtos, após abertos, deve constar no rótulo ou embalagem das tintas;

A Vigilância Sanitária deve ser consultada em caso de dúvidas em relação ao serviço prestado pelos estúdios de tatuagens;

O profissional deve possuir certificado que comprove sua qualificação técnica; lavar as mãos antes e depois de atender cada cliente; ao fazer a tatuagem, usar luvas e máscaras descartáveis de uso único; utilizar proteção nos cabelos, fardamento, avental, protetor ocular e sapatos fechados; por questões de higiene, recomenda-se que o fardamento do profissional seja de cor clara.



IMPORTANTE

Os portadores de doenças infectocontagiosas que possam oferecer riscos à saúde individual ou à saúde coletiva devem apresentar ao tatuador liberação médica;

Os menores de idade só podem fazer tatuagens se estiverem acompanhados dos pais ou responsáveis, ou com autorização por escrito, as quais deverão ficar arquivadas no estabelecimento. ■





Entrevista

Por Juliana Ângela

“O Plano Real merece ser celebrado como o mais bem-sucedido plano de estabilização econômica brasileiro”

Jorge Jatobá

A máquina de remarcar preços funcionando até mais de uma vez por dia nos supermercados ainda está na memória de muitos consumidores brasileiros que viveram o período da hiperinflação, antes do dia 1º de julho de 1994, quando o real se tornou a nova moeda brasileira. O Plano Real, que entrou para a história por acabar com a inflação e inaugurar um novo ciclo de desenvolvimento econômico, completa 25 anos. Em entrevista à revista Informe Fecomércio, o economista Jorge Jatobá destaca os pilares do plano, que ele descreve como uma verdadeira “engenharia macroeconômica”. O economista acompanhou de perto os primeiros anos do Plano Real, pois fazia parte do Governo



Fernando Henrique Cardoso na década de 90, como chefe da Assessoria Especial do Ministério do Trabalho, entre 95 e 98, e secretário nacional de Políticas de Emprego e Salário, entre 98 e 99. Também na esfera pública, foi secretário da Fazenda de Pernambuco. Economista pela UFPE, mestre e doutor em Economia pela Universidade de Vanderbilt (EUA), com pós-doutor em Economia do Trabalho e Relações Industriais na Universidade de Wisconsin-Madison, Jorge Jatobá foi pesquisador visitante do Economic Growth Center, da Universidade de Yale (EUA), e professor visitante do Centro de Estudos Latino-Americano da Universidade de Brown (EUA). Tem livros e artigos publicados no país e no exterior e atualmente é sócio-diretor da Ceplan — Consultoria Econômica e Planejamento.



Antes do Plano Real, a busca por uma moeda estável era uma verdadeira saga na economia brasileira. O que podemos destacar dessa época em relação ao comércio, como a instabilidade afetava comerciantes e consumidores?

Antes do Plano Real, houve várias tentativas fracassadas, uma delas foi o Plano Cruzado, a partir de 1985, quando Sarney assumiu a Presidência da República. Outro exemplo foi o Plano Verão, do Governo Collor. Foram várias tentativas por parte do governo brasileiro de criar uma política macroeconômica de estabilização dos preços, ou seja, tentativas para conter a inflação. E a inflação é uma doença que distorce o sistema de preços. Você imagina um país que tem 80% de inflação ao mês, significa que a cada mês os preços quase que duplicam. Então, antes do Plano Real, o consumidor saía para comprar um pão em um dia e, no dia seguinte, já encontrava com outro preço, dois dias depois, com outro preço. Isso obviamente criava um problema seriíssimo porque o salário não podia acompanhar o crescimento do preço dos produtos e serviços. Eram criadas políticas salariais com reajuste automático, mas, ainda com essas políticas salariais que tentavam repor a inflação, a tentativa fracassava. Então, havia perda de renda real e, com isso, o comércio sofria muito. A instabilidade de preços e a perda do poder de compra com uma moeda que estava perdendo o valor a cada dia faziam com que a demanda por serviços do comércio varejista fosse por água abaixo. As pessoas compravam por questão de sobrevivência, principalmente alimentos.

Havia um problema seriíssimo, inclusive de escassez. Por exemplo: um comerciante comprava carne a um fornecedor hoje e depois não conseguia comprar carne ao mesmo fornecedor por aquele preço, e, às vezes, faltava carne porque a negociação entre o varejista e o fornecedor não era bem-sucedida, resultando em escassez. A inflação tinha um caráter fortemente inercial. Isso significa que, como o sistema de preços era todo indexado, preços indexados, salários indexados, havia mecanismos de indexação, que reajustavam o valor das parcelas de contratos pela inflação do período passado, ou seja, mesmo que não tenha uma razão para o preço aumentar, ele aumenta baseado nessa memória inflacionária. Era uma corrente de transmissão, os preços que eram praticados no passado, pela indexação, eram transmitidos para o presente e daí para o futuro. Houve várias tentativas de corrigir esse problema, mas todas elas fracassaram e o Brasil ficou isolado no âmbito internacional, uma vez que muitos países latino-americanos conseguiram controlar processos inflacionários agudos, como a Argentina e a Colômbia. Então, antes do Plano Real, os brasileiros sofriam porque havia uma disrupção no sistema de preços, uma perda no poder de compra dos trabalhadores e escassez de produtos, ou seja, situações de desabastecimento. E o sistema de preços não funcionava porque a inflação impedia, sendo uma doença severa, uma das doenças malignas que pode atingir o sistema econômico. Compromete o planejamento financeiro de empresas, famílias e governos.

Quais diferenças do Plano Real para seus antecessores e quais fatores foram primordiais para seu sucesso?

O Plano Real foi exatamente a política de estabilização mais bem-sucedida comparada às que vieram anteriormente. Ele foi uma obra de engenharia macroeconômica muito criativa e heterodoxa. Foi um plano muito bem-concebido do ponto de vista macroeconômico, tendo sido muito bem-sucedido porque conseguiu desinflacionar a economia rapidamente. Depois do Plano Real, passamos a ter inflações civilizadas, nossa inflação, quando muito, chegou a dois dígitos e nunca passou de 15% nesse período todo. Um dos pilares para o sucesso do Plano Real foi a implantação da Unidade Real de Valor (URV), unidade monetária para desindexar a economia. A URV foi transformada em Real, a nova moeda brasileira: 1 URV foi igualado a 1 real no dia 1º de julho de 1994. O segundo pilar macroeconômico foi o câmbio. Um dos desafios foi a âncora cambial. Isso porque o dólar ficou artificialmente abaixo do real e gerou uma pressão muito grande sobre o valor da moeda nacional em relação ao dólar. O Banco Central teve que intervir e, em janeiro de 1999, foi liberado o câmbio. E nessa liberação do câmbio, adotou-se o regime de metas de inflação, em que o Banco Central passa a definir uma meta de inflação para o ano dentro do intervalo e tem que administrar o sistema monetário de forma que o sistema consiga ficar ou em torno da meta ou não passar dos limites superior e inferior. Esse sistema existe até hoje. Assim, o câmbio é livre, mas não tanto: quando há uma variação muito acentuada da moeda em relação ao dólar, o Banco Central intervém. O câmbio não é fixo, mas não é totalmente livre. O Banco Central administra isso com discricção. O terceiro pilar que garantiu o sucesso do Plano Real foi a parte fiscal, em que os governos tinham que gerar um superávit primário, que é a diferença entre receita e despesas não financeiras, para garantir que não houvesse desequilíbrio nas contas públicas. Assim, o Plano Real merece ser celebrado como o mais bem-sucedido plano de estabilização econômica brasileiro, pois foi resultado de um processo de criação muito inteligente, considerado internacionalmente e na literatura macroeconômica como caso de sucesso.

Na sua opinião, qual o principal legado do Plano Real?

A estabilidade macroeconômica, a estabilidade de preço. Desde então, o Brasil não teve problemas de descontrole inflacionário. O grande legado do Plano Real foi a estabilidade monetária, que fez com que o sistema de preço voltasse a funcionar, e aí não temos crises de desabastecimento, o sistema de preços sinaliza quando há escassez, sinaliza quando há abundância, as empresas conseguem se planejar, as famílias também conseguem se planejar porque os preços são estáveis. Antes do Real, imagine a dificuldade que uma família tinha para se planejar com a inflação a 80% ao mês. As famílias hoje conseguem planejar quanto gastar, quanto poupar. Era praticamente inviável contratar um empréstimo naquela época, era muito inseguro, de repente os juros iriam disparar e você não conseguiria pagar a dívida. Hoje é possível se organizar, se planejar, porque o sistema de preços é relativamente estável com uma inflação dentro de padrões internacionais e históricos aceitáveis. Mesmo com alguns resquícios de indexação, no geral, temos uma economia estabilizada, e isso é muito importante, inclusive, como fundamento macroeconômico para a retomada do desenvolvimento.

E em relação aos bancos? Eles lucravam com essa instabilidade?

Os bancos sempre lucraram e, naquela época, início dos anos 90, no auge da hiperinflação, era comum uma operação chamada overnight, em que as pessoas que tinham algum dinheiro aplicavam de um dia para outro para que, no dia seguinte, pudessem perder menos do que se não tivessem aplicado. Era uma das formas que os consumidores e comerciantes achavam de minimizar as perdas. Geralmente, os comerciantes recolham ao final do dia o dinheiro do caixa e o levavam ao banco antes do fechamento das agências com o objetivo de garantir o rendimento do overnight.



Diante da atual conjuntura econômica, o senhor acha que essa consistência macroeconômica, que sempre foi a base da política econômica do Real, corre risco?

O grande problema da economia brasileira hoje é um problema fiscal, que não é apenas do governo atual, vem de governos anteriores. O Brasil estava conseguindo uma certa estabilidade monetária, mas o aumento dos gastos públicos primários estava acima da inflação e acima do crescimento do PIB. Então a política fiscal não era consistente com a política monetária. A política monetária estava correta, mas a política fiscal, desequilibrada por causa do déficit elevado. Para esse déficit, contribuía muito a Previdência. Percebeu-se, então, que era necessário fazer um conjunto de reformas, como a previdenciária, por razões demográficas e também por razões fiscais. É preciso continuar esse esforço fiscal. A agenda econômica atualmente está avançando com o apoio do Congresso. A equipe econômica atual está comprometida com o ajuste fiscal, então está faltando dinheiro para o exército, para as universidades, para a Polícia Federal, para a saúde etc., porque se está aplicando a lei do teto que foi aprovada em 2016. Ou seja, há dois anos, as despesas primárias da União não podem crescer acima da inflação, mas estamos ainda no processo em que as despesas com a Previdência estão canibalizando os gastos com outras áreas como educação, saúde, assistência social e segurança. Então hoje o Brasil tem um problema fiscal que não pode ser resolvido em curto prazo, esse problema fiscal só vai ser equacionado, se correr tudo bem, em 2022. Mas, para isso, deve-se manter a política monetária como está, ou seja, com a inflação baixa, e começar a sinalizar para os agentes econômicos que o governo está controlando as contas públicas. O risco é haver um descontrole dos gastos públicos, porque ficaria muito claro para os agentes econômicos que o governo iria continuar se endividando, podendo, eventualmente, chegar um momento em que não

conseguiria pagar o montante da dívida. As despesas da União há muitos anos vêm crescendo acima do PIB e da inflação. Se houver descontrole, podemos ter a inflação de volta com juros altos e expectativas dos agentes econômicos em baixa. Então é muito importante atentar para os fundamentos macroeconômicos, que exigem disciplina fiscal, uma salutar gestão da dívida pública e a garantia da estabilidade de preço. Hoje temos estabilidade monetária e uma austera política fiscal. A Reforma da Previdência sinalizou uma correção de rumo no desequilíbrio fiscal a médio prazo, mas, a curto prazo, ainda há muitos desafios. A Reforma da Previdência é uma condição necessária, mas não suficiente para a estabilidade macroeconômica. É necessário que o governo continue com a política de austeridade que é antipopular porque cria dificuldades à provisão de serviços públicos com qualidade, mas, se não for feito um controle adequado, pode-se chegar a um descontrole, gerando inflação, desemprego e recessão, provocando um mal muito maior.

O senhor mencionou a importância da Reforma da Previdência para o controle fiscal. A reforma Tributária também ajudaria nesse controle?

Ajuda, porque o sistema tributário brasileiro atualmente é extremamente oneroso, regressivo, litigioso e complexo, distorcendo a alocação de recursos e tirando competitividade da economia. Custa caro ao País, às empresas, ao Estado brasileiro, em todos os níveis, e à sociedade. Então, se o sistema tributário for simplificado, com menor ônus e menor regressividade, vai ajudar porque melhoraria a competitividade da economia, por um lado, e, por outro, criaria as condições para que se possa, mais adiante, reduzir a carga tributária. Então acho muito importante que a Reforma Tributária vá em frente. Serão necessárias outras reformas também, como a administrativa, que deve tratar da gestão pública e do serviço público. ■





Descubra

Por Heitor Nery

AS HISTÓRIAS DE UM RECIFE ASSOMBRADO

De site a filme de
terror, lendas sobre
entidades e lugares
mal-assombrados
seguem ativos no
imaginário dos
recifenses

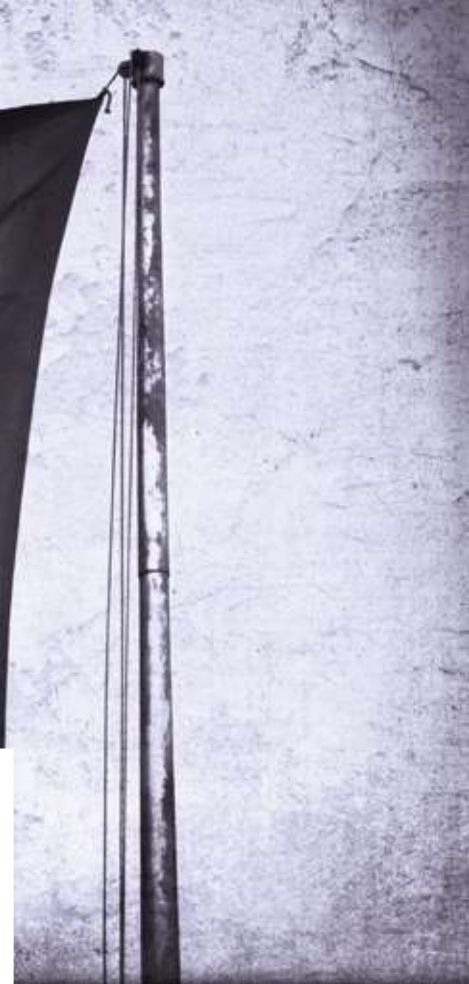


Se você mora no Recife, dificilmente não ouviu falar na Perna Cabeluda. Ou na lenda do Papa-Figo. São várias as histórias de terror e assombrações que estão relacionadas a alguns dos mais icônicos locais da cidade, como o Teatro de Santa Isabel, a Praia do Pina, a Praça Chora Menino, a Cruz do Patrão, o Cemitério de Santo Amaro, entre outros exemplos. Cada um desses lugares carrega um misticismo e assombrações próprias, sendo propagadas até os dias de hoje. E esse fascínio que a cidade possui diante dos próprios fantasmas pode ser explicado pela história e formação da sociedade recifense.

“Quem deu essa explicação foi Gilberto Freyre. Já em *Casa Grande & Senzala*, ele dizia que, dentro das famílias ligadas à economia canavieira, já existia uma certa hierarquia: eram cultuados os santos, depois vinham os mortos e depois vinham os vivos. Então já havia, dentro do patriarcado pernambucano, uma espécie de ‘culto aos mortos’. As pessoas, quando morriam, eram enterradas próximas aos engenhos, dentro

das capelas. Além disso, nossa formação vem de uma espécie de catolicismo mediúnico, que admite o contato com os mortos. E quando isso se misturou com o misticismo das culturas afro e indígena, tivemos a formação de uma base que aumentou a crença em nossas próprias assombrações”, conta o jornalista Roberto Beltrão, um dos fundadores do site ‘O Recife Assombrado’.

O próprio Gilberto Freyre teria um importante papel na divulgação das lendas e histórias de terror que cercam o Recife. Em 1955, o sociólogo publicou o livro *Assombrações do Recife Velho*, trazendo mais de 20 histórias localizadas na cidade. A obra foi resultado de um trabalho de 20 anos no qual Freyre pesquisou sobre o passado sobrenatural do Recife, colocando no papel algumas lendas que estavam presentes apenas na tradição oral. E um grupo de amigos encontrou nesse livro uma porta de entrada para um emaranhado de novas histórias fascinantes sobre a cidade onde moram.





Cruz do Patrão

Localizada no Porto do Recife, às margens do Rio Capibaribe, a Cruz do Patrão já é citada no livro de Gilberto Freyre como um dos lugares mais mal-assombrados da cidade. É considerado um ponto de encontro de almas penadas, com histórias de que lá poderiam ser ouvidos gritos e gemidos de fantasmas. Entre as lendas, acredita-se que nas proximidades da cruz eram enterrados escravos mortos durante as viagens oriundas da África. Ela é o símbolo do site O Recife Assombrado.



Cemitério de Santo Amaro

O Cemitério de Santo Amaro é a casa da Galega de Santo Amaro. “Diz a lenda que um fantasma se apresentava para as pessoas que passavam pelo local como uma mulher bem bonita, loura. Aí ela atraía os homens para dentro do cemitério. Quando chegava lá, ela se transformava numa caveira. Essa é uma história bem engraçada porque nas imediações do cemitério muita gente lembra e conta até hoje. Então já está no imaginário das pessoas”, conta Roberto Beltrão.



Praça Chora Menino

A Praça Chora Menino recebe esse nome justamente por uma história envolvendo fantasmas. No século XIX, durante o período regencial, a cidade do Recife viveu uma revolta bastante violenta chamada de Setembrizada ou Setembrada. Nela, soldados de baixa patente, insatisfeitos com extremo rigor da disciplina militar da época (como castigos físicos) e falta de pagamentos, começaram um motim. Eles saquearam a cidade e alguns moradores morreram no conflito, incluindo algumas crianças. Muitos desses corpos teriam sido enterrados nas terras do antigo Sítio do Mondego, onde hoje a praça está localizada. Quem passava pelo local dizia sempre ouvir um choro de menino, dando origem ao nome da localidade.



Teatro de Santa Isabel

Um dos mais belos pontos turísticos do Recife, o Teatro de Santa Isabel também é um dos locais mais mal-assombrados. Várias lendas dão conta da existência de fantasmas que habitam o prédio do teatro, desde artistas passados e até parte do público. “Dizem que uma bailarina fantasma dança no palco nas noites em que não tem espetáculo. Dizem também que é possível ouvir barulhos de aplausos em dias que a plateia do teatro está vazia, que o piano de cauda toca sozinho e mesmo com a tampa fechada”, diz Roberto Beltrão.



Museu de Arte Moderna Aloísio Magalhães (Mamam)

O prédio que hoje abriga o Mamam também possui suas lendas e assombrações. O local, que já foi o Clube Internacional do Recife, estava recebendo a festa de debutante de uma menina chamada Ana Lúcia. Ao descer as escadas do local, ela caiu e quebrou o pescoço. Os funcionários do prédio dizem que o espírito da jovem segue assombrando a construção, amedrontando as testemunhas.





Rua Nova

A Rua Nova foi palco de uma trama que virou até mesmo tema de folhetim, escrito por Joaquim Maria Carneiro Vilela. O comerciante português Jaime Favais era um homem violento. Quando descobre que sua única filha havia engravidado de um malandro chamado Leandro, que também seria amante de sua esposa, Jaime, por vingança, decide emparedar sua filha no sobrado, dando origem à lenda da Emparedada da Rua Nova. Não se sabe se Carneiro Vilela baseou a história em um crime que realmente ocorreu ou se foi totalmente criada por ele.

Praia do Pina

Na Praia do Pina, uma lenda aponta que um fantasma de uma mulher seria visto no local. Diz-se que a moça estava passeando pela área de mangue que existia lá, quando foi morta por seu marido ciumento. Ela, então, voltaria do mundo dos mortos para se vingar dos banhistas, que seriam atraídos pela figura para serem mortos na lama do manguezal. A fantasma se tornou conhecida como Encanta-Moça, dando nome a uma comunidade localizada no bairro do Pina. ■





Temos que apresentar
nosso trabalho às pessoas
e mostrar que há vantagens
em ser um associado"

Milton Melo



Gestão
Inovadora

Por Pedro Maximino

A PALAVRA DE ORDEM É “UNIÃO”

Fundado em 1999, o Sindicato das Empresas no Comércio e Serviços do Eixo Norte (Sindnorte) foi criado com o objetivo de defender os direitos e interesses coletivos ou individuais da categoria, inclusive em questões judiciais ou administrativas. Hoje, 20 anos depois, esse objetivo continua sendo cumprido e a entidade se expande para atender mais pessoas. O Sindnorte tem abrangência nos municípios de Olinda, Paulista, Abreu e Lima, Igarassu, Itapissuma e Itamaracá, atualmente contando com mais de 12 mil representados nessas cidades.

Além da tradicional sede em Paulista, o sindicato está em fase final de preparação para a inauguração da nova unidade em Igarassu, município localizado mais ao Norte de Pernambuco. De acordo com Milton Melo, presidente do Sindnorte, Igarassu foi escolhido por ser um município que carecia de uma representação maior do sindicato. “Antes de inaugurarmos, o que estamos fazendo aqui é um trabalho de base”, afirma Milton. “Estamos fechando acordos e entrando em contato com os comerciantes locais, apresentando nossa filosofia. Ninguém quer gastar dinheiro à toa. Portanto, temos que apresentar nosso trabalho às pessoas e mostrar que há vantagens em ser um associado”, diz.

Na avaliação do presidente, quando se trata de sindicatos, existe uma diferença fundamental entre representação e prestação. “A representação é aquilo que está na lei, é a obrigação. Quando se trabalha em sindicato, você é o representante daquela categoria”, explica. “Já a prestação significa ter a categoria mobilizada, oferecer tratamento diferenciado, e estar presente junto ao associado. É o que procuramos fazer sempre aqui no Sindnorte.”

Embora a sede do sindicato continue sendo em Paulista, a ideia é que as duas unidades compartilhem as atividades desenvolvidas, como forma de ampliar a área de atuação do Sindnorte. A unidade de Igarassu, por ser menor, vai servir como local para testar novidades que serão, em seguida, também implantadas na sede em Paulista.



O patrão quer dar assistência a seus funcionários, então o núcleo é uma maneira que ele tem, por meio do sindicato, de oferecer isso”

Evandro Alves

Um dos principais serviços oferecidos pelo Sindnorte é o Regime Especial de Piso Salarial (Repis). Essa modalidade, voltada para micro e pequenos empresários, permite que os donos dos negócios paguem salários mais compatíveis com a realidade desse tipo de empreendimento por meio de um certificado com valor jurídico que é emitido e controlado pelo sindicato. “É justo que uma empresa menor pague um salário mais compatível com a sua realidade aos funcionários. É uma maneira que o empresário tem de se manter competitivo diante da concorrência com as grandes empresas do ramo”, defende Milton. O Sindnorte foi o primeiro sindicato do Norte e Nordeste a implantar o Repis, e a iniciativa foi adotada por outras entidades de atuação similar, posteriormente.

Outra justificativa para a utilização do Repis é que, na área de comércio e serviços, é muito comum que funcionários iniciem carreiras em pequenos negócios e, em seguida, quando adquirem mais experiência, migrem para empresas maiores. Segundo Milton, “esse custo de treinamento dos funcionários é todo do pequeno empresário, que já não tem muitos recursos para trabalhar. Por isso, é válida a utilização do Repis”. Uma estimativa realizada pelo sindicato aponta que, com o Repis, o micro ou pequeno empresário consegue economizar até R\$ 3 mil anualmente, por funcionário.

Evandro Alves, primeiro vice-presidente do Sindnorte, concorda com Milton. “Aqui na região, nós temos muitos micro e pequenos empresários que têm dois, três funcionários.



São negócios pequenos que contam com o Repis para poder continuar funcionando sem ter que demitir funcionários”, afirma.

O Sindnorte também oferece serviços sociais por meio do Núcleo de Advocacia Popular, que funciona para atender tanto empresários quanto funcionários a preços populares. O núcleo atende causas relacionadas a direito penal, sucessões, tributário, trabalhista, consumidor, da família e seguro DPVAT. “O patrão quer dar assistência a seus funcionários, então o núcleo é uma maneira que ele tem, por meio do sindicato, de oferecer isso”, explica Evandro. A ideia de criar o núcleo surgiu do alto volume de demandas recebidas pela defensoria pública, o que inviabilizava o atendimento de maneira adequada. O atendimento popular no Sindnorte funciona às quintas-feiras.

Há também parcerias com Sesc, Senac e Banco do Nordeste, que visam oferecer maior comodidade aos associados. “Temos uma unidade móvel do Sesc que vem aqui no sindicato uma vez por semana para fazer carteirinhas”, conta Milton. O Sindnorte também foi escolhido para fazer parte de um projeto itinerante que visa a instalação de uma agência do banco uma vez por semana dentro do sindicato. “O banco escolheu três municípios de Pernambuco para dar início ao projeto, e em Igarassu a agência fica no Sindnorte. É mais uma comodidade aos nossos associados, que podem vir ao sindicato e já resolver algo no banco sem precisar se deslocar para outro lugar.”

A questão da aproximação com a categoria é prioridade para o Sindnorte. “Temos noção de que

o empresário, principalmente se for micro ou pequeno, não tem condições de ficar saindo da empresa o tempo todo em horário comercial. Por isso, temos o cuidado de marcar nossas reuniões e assembleias à noite.” Há ainda um café da manhã mensal com contadores, que também funciona como reunião.

Passados 20 anos desde a sua fundação, o Sindnorte continua firme em sua missão de aproximar, integrar e servir aos empresários do comércio e serviços do Eixo Norte de Pernambuco. A entidade vem preparando a implantação de um cartão de fidelidade que deve oferecer descontos aos associados em uma série de produtos e serviços, além de um convênio com planos de saúde. ■



Conjuntura

Por Ícaro Ferreira

INOVAÇÕES PEDAGÓGICAS EM DESTAQUE NO CONGRESSO DE TECNOLOGIA NA EDUCAÇÃO

Sistema Fecomércio/Sesc/Senac levou a Caruaru debate sobre novas formas de ensinar e aprender





Eduardo Shinyashiki



Bernardo Peixoto



O século 21 chegou e ampliou as possibilidades de ensino-aprendizagem. De uns anos para cá, quadro e giz saíram do primeiro plano: fala-se em gamificação, teatro, gifs, espaços virtuais de aprendizagem, entre outros. A discussão sobre esse novo momento foi levada pelo Sistema Fecomércio/Sesc/Senac, com apoio do Sebrae, da Caixa Econômica Federal e do Governo Federal, para Caruaru, no Congresso de Tecnologia na Educação.

Sob o tema “Metodologias Disruptivas na Educação: Formas Inovadoras de Ensinar e Aprender”, o evento aconteceu entre os dias 18 e 20 de setembro. Mais de 1500 participantes de 24 estados do Brasil circularam pelo complexo Senac, em Caruaru, que recebeu uma programação com mais de 30 palestras e oficinas, além do Hackathon Edu, do Salão de Tecnologia e Empreendedorismo e do Espaço do Conhecimento.

A cerimônia de abertura foi apresentada pelo artista Toinho Mendes, que encantou o público com suas palavras cantadas em repente.

A solenidade ainda contou com apresentações dos robôs da startup Orient Code e do Grupo de Dança Olhares de Caruaru e da Banda de Pífanos Nossa Senhora das Graças. O presidente do Sistema Fecomércio/Sesc/Senac Pernambuco, Bernardo Peixoto, sublinhou a importância de realizar o evento no interior do estado. “A interiorização é marca registrada de nossa gestão. Não é por acaso que estamos trazendo o evento a Caruaru. Ficamos muito felizes em fomentar um debate sobre as novas formas de ensinar e aprender em uma cidade que tem como prioridade a formação continuada de seus professores”, destacou.

A palestra magna de abertura do CTE foi com o consultor organizacional Eduardo Shinyashiki. Com o tema “Fortalecer as Habilidades Sociais e a Inteligência Emocional na Educação”, ele cativou o público, abordando a necessidade de ser disruptivo, de confiar mais no próprio potencial e de saber desligar o “piloto automático” na aquisição das habilidades sociais. A professora da Rede Estadual de Pernambuco Giselle Bezerra destacou como ponto importante a melhoria da autoestima.

“A gente já vive numa rotina tão pesada. É bom sermos lembrados do quanto o professor é importante. A luta continua. Se a gente não fizer pelo aluno, o sistema não vai fazer”, enfatizou.



Denilson Shikako



Na sexta-feira (20), o ponto alto foi a mesa redonda “A Implantação da BNCC na Educação: Perspectivas e Desafios”, que reuniu nomes de peso da educação brasileira. Com a mediação de Carlos Calado, diretor da Faculdade Senac Pernambuco, os palestrantes Mozart Neves, diretor de Articulação e Inovação do Instituto Ayrton Senna, e Francisco Cordão, sociólogo, filósofo e ex-presidente do Conselho de Educação de São Paulo, proporcionaram uma discussão rica sobre a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) como ferramenta de democratização da educação.

O evento contou também com Denilson Shikako, empreendedor e CEO da Fábrica de Criatividade (SP), que ministrou a palestra “Criatividade na Educação”, destacando o papel da atividade de criar como fator de transformação no ambiente escolar. “Ganhei contribuições para trabalhar a criatividade com as crianças da biblioteca. Saio daqui com vontade de aplicá-las no meu espaço de trabalho”, comentou Kaline Lima, psicóloga e assistente de biblioteca do Sesc Casa Amarela, no Recife.

Outro espaço significativo foi o das oficinas. Entre os destaques, “Espaços Virtuais de Aprendizagem”, do professor da UFPE Sérgio Abranches, “Teatro/Educação: A Sala de Aula é o seu Palco”, da professora Ingrid Koudela, introdutora do sistema de Jogos Teatrais no Brasil, “Crie Gifs”, que contou com a mediação do designer e professor Erton Vieira.



Hackathon

A atividade de criar, destacada por Denilson Shikako, foi um dos principais alicerces do Hackathon Edu – 44h de Inovação. Realizada em parceria com o Armazém da Criatividade, do Porto Digital, a proposta teve o objetivo de fomentar inovação no ecossistema educacional do Agreste. Os participantes fizeram uma maratona de imersão em que tiveram que encontrar soluções criativas para problemáticas no cotidiano do seu aprendizado. No último dia de CTE, os competidores apresentaram seus projetos para uma comissão julgadora e receberam os resultados.

O grupo vencedor foi o “ConectAprendiz”. A equipe apresentou uma solução para conectar as empresas e os jovens, como forma de impulsionar a empregabilidade de menores aprendizes. Pelo resultado, o time ganhou um ano de coworking no Armazém da Criatividade, assessoria de dois mentores do Hackathon e voucher para cursos EAD do Senac. “É um evento histórico, são professores pensando em uma solução para problemas deles”, comemorou Diógenes Nascimento, professor, consultor e um dos mentores do Hackathon.

Salão de Tecnologia e Inovação

Além da programação, o Congresso contou com Salão de Tecnologia e Inovação, que reuniu startups, empresas e universidades. Nos estandes, foram expostos e comercializados produtos, soluções e serviços de tecnologia ligados à educação. A ideia foi gerar oportunidades de negócios para jovens empreendedores. Outro destaque foi a loja colaborativa Colab, na qual alunos do curso de Design de Moda da unidade vinculada da Faculdade Senac em Caruaru expuseram os seus trabalhos. “O objetivo foi inserir os alunos em um laboratório vivo para que pudessem experimentar, na prática, como é administrar um negócio, ter contato com pessoas que têm gostos tão distintos, tudo isso numa linguagem mais moderna de loja que é a colaborativa”, explicou o curador Luiz Clério.



Espaço do Conhecimento

Local cuja função foi o compartilhamento de saberes, o Espaço do Conhecimento cumpriu seu objetivo. Nos três dias de CTE, foram apresentados 112 trabalhos, nas modalidades Comunicação Oral e Poster, de autores de 13 estados do Brasil. “É um espaço estratégico dentro do Congresso. Neste ano, com o tema das metodologias disruptivas, tivemos um ganho, pois enquanto as palestras trouxeram o aporte teórico, aqui os professores apresentaram suas experiências de sala de aula”, comentou Michelle Pinheiro, coordenadora do Espaço do Conhecimento.





Sesc Triunfo

O presidente do Sistema Fecomércio/Sesc/Senac-PE, Bernardo Peixoto, assinou, no último dia do Congresso (20/09), a ordem de serviço para dar início ao plano de investimentos do Sesc em Triunfo, no Sertão de Pernambuco. Com valor aproximado de R\$ 2,9 milhões, será construído um equipamento de lazer e serão reformados o centro de convenções do hotel e a Fábrica de Criação Popular. A solenidade aconteceu às 11h, no Centro de Convenções do Senac, em Caruaru, com a presença do prefeito da cidade sertaneja, João Batista Rodrigues.



João Batista e Bernardo Peixoto



Arnaldo Mendonça

Prêmio Educador Josias Albuquerque

A cerimônia de encerramento foi comandada por Bernardo Peixoto, que agradeceu aos apoiadores e destacou a valorização dos professores como ponto importante. “Todos merecem ser valorizados, porque dão aos alunos e alunas o que têm de melhor, que é o conhecimento”, ressaltou. Em seguida, aconteceu o momento de maior emoção no Congresso – homenagem ao professor Josias Albuquerque, ex-presidente do Sistema. “Josias me ensinou a bondade, a generosidade, a ter uma postura positiva diante das dificuldades. Começaria tudo de novo ao lado dele”, enfatizou a viúva Erotildes Albuquerque, a Dona Tide, em vídeo. Depois, Bernardo anunciou a criação do Prêmio Educador Josias Albuquerque, que será entregue anualmente às figuras que mais contribuíram para a educação pernambucana. O primeiro vencedor foi Arnaldo Mendonça, Ex-coordenador do Congresso e amigo do professor Josias. ■

Curta os hotéis do Sesc o ano inteiro.



Triunfo



Garanhuns



Faça sua reserva: (81) 3421.5054
sescpe.org.br

Agência de Turismo Social do Sesc
R. Bispo Cardoso Ayres, 147/01, Recife - PE

Sesc

**SABE POR QUE
O SENAC EAD É
O MAIS COMPLETO
DO BRASIL?**

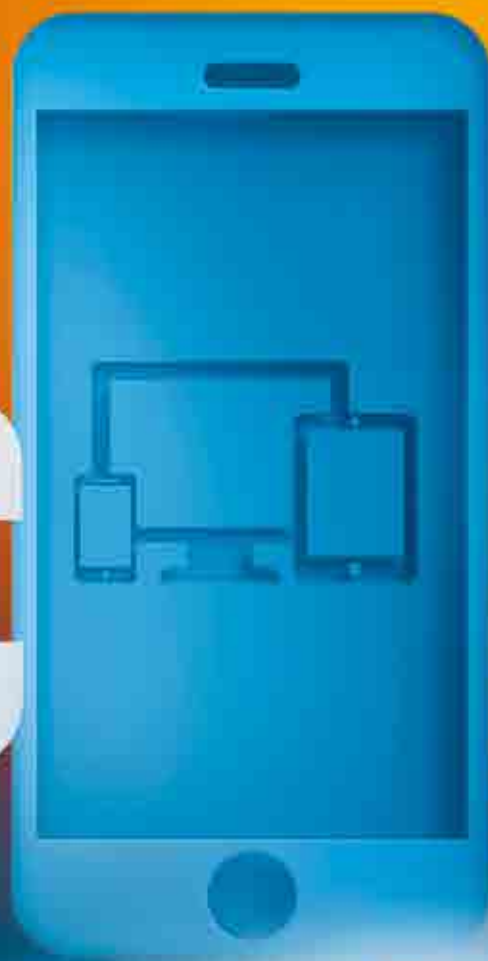
Porque é a única instituição de ensino com cursos livres, técnicos, de graduação, pós-graduação e extensão universitária a distância com polos próprios em todo o Brasil. #SouSenacEAD

Quer ficar completo para o mercado de trabalho?

Inscreva-se já.

ead.senac.br

**SOU
SENAC
EAD**



Senac

O MELHOR ENSINO A DISTÂNCIA DO PAÍS.